

NOTA PRÉVIA SOBRE A ESCOLA DE PAIS NO BRASIL E EM PORTUGAL

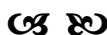
DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/70538>

Evelyn de Almeida Orlando

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil.

Helder Henriques

Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal.



Resumo

O movimento da Escola de Pais nasceu no Brasil em 1963, liderado por um grupo de pais e intelectuais católicos. Filiado à *Fédération Internationale pour l'Éducation des Parents*, com sede em Sèvres/França, estrutura sua matriz em São Paulo, desdobrando-se daí para todo o Brasil, Portugal e outros países da América Latina. Este artigo tem como objetivo investigar os contornos desse movimento e os modos de endereçamento dos saberes produzidos para a sociedade, tanto no Brasil quanto em Portugal. Para isso, empreendemos a análise apoiados na História Cultural, especialmente, nos conceitos de práticas e representações (CHARTIER, 1990) e mobilizamos na documentação de ambos os países um conjunto de fontes variadas, incluindo Anais dos congressos e artigos de jornais, de modo privilegiado.

Palavras-chave: educação das famílias, circulação de ideias, história da educação, Escola de Pais.

PREVIOUS NOTES ON THE PARENTS SCHOOL IN BRAZIL AND PORTUGAL

Abstract

The movement of the Parent School was born in Brazil in 1963, led by a group of parents and Catholic intellectuals. Affiliated to the *Fédération Internationale Pour L'Education des Parents*, based in Sevres/France, it establishes its headquarters in São Paulo, unfolding from there to Brazil, Portugal and other countries in Latin America. This article aims to investigate the outlines of this movement and the ways knowledge produced was addressed to society, both in Brazil and in Portugal. For this, we undertook the analysis supported by cultural history, especially the concepts of practices and representations (CHARTIER, 1990) and mobilized in the documentation of both countries a set of various documents, including Proceedings of conferences and newspaper articles in a special way.

Keywords: family of education, circulation of ideas, history of education, Parent's School.

NOTAS INICIALES SOBRE LA ESCUELA DE PADRES EN BRASIL Y EN PORTUGAL

Resumen

El movimiento de la Escuela de Padres nació en Brasil en 1963, liderado por un grupo de padres e

<i>Hist. Educ.</i> (Online)	Porto Alegre	v. 21	n. 52	Maio/ago., 2017	p. 56-80
-----------------------------	--------------	-------	-------	-----------------	----------

intelectuales católicos. Afiliado a la Federación Internacional Pour L'Education des Parents, con sede en Sevres/Francia, estructura su matriz en São Paulo, expandiéndose desde allí a todo Brasil, Portugal y otros países de América Latina. Este artículo tiene como objetivo investigar los contornos de ese movimiento y los modos de circulación de los saberes producidos para la sociedad, tanto en Brasil como en Portugal. Para eso, emprendemos el análisis apoyado en la Historia Cultural, especialmente, en los conceptos de prácticas y representaciones (CHARTIER, 1990) y movilizamos en la documentación de ambos países un conjunto de documentos variados, incluyendo Anales de los congresos y artículos de periódicos, de modo privilegiado. Palabras clave: historia de las familias, circulación de ideas, historia de la educación, Escuela de Padres.

NOTES PRÉCÉDENTES SUR L'ÉCOLE DES PARENTS AU BRÉSIL ET AU PORTUGAL

Résumé

Le mouvement de l'École des Parents est né au Brésil en 1963, conduit par un groupe de parents et d'intellectuels catholiques. Affilié à la Fédération Internationale pour l'Éducation des Parents, dont le siège est à Sèvres en France, il structure sa matrice à São Paulo, et s'étend à partir de là dans tout le Brésil, au Portugal et dans d'autres pays d'Amérique Latine. Le présent article a pour objectif l'investigation des contours de ce mouvement et la façon dont les savoirs produits sont transmis à la société, aussi bien au Brésil qu'au Portugal. Pour ce faire, nous avons entrepris une analyse sur la base de l'histoire culturelle, en particulier les concepts de pratiques et de représentations (CHARTIER, 1990), et nous avons mobilisé dans la documentation des deux pays un ensemble de documents variés, incluant des annales des congrès et des articles de journaux, de façon privilégiée.

Mots-clés: l'éducation des parentes, circulation des idées, histoire de l'éducation, École des Parents.

Introdução

Educação familiar primeiro, depois educação nacional...
Maria Junqueira Schmidt

Este artigo é resultado de um projeto em rede com pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e Portugal¹, com foco privilegiado na presença da Igreja Católica na produção e circulação de saberes pedagógicos, a partir da ação de intelectuais, impressos e práticas educativas que os fomentam e os colocam em movimento.

Como parte de uma investigação mais ampla, neste texto apresentamos o movimento da Escola de Pais e seus desdobramentos no Brasil e em Portugal. Filiado à *Fédération Internationale pour L'Éducation des Parents*, com sede em Sèvres/França, o movimento estrutura sua matriz em São Paulo, desdobrando-se daí para todo o Brasil, Portugal e outros países da América Latina. Buscamos investigar os contornos desse movimento e os modos de endereçamento dos saberes produzidos para a sociedade, nos dois países aqui assinalados pondo em relevo modos de intervenção da sociedade civil nos projetos educacionais.

Para isso, o caminho teórico-metodológico escolhido foi a História Cultural, especialmente centrada nos conceitos de práticas e representações (CHARTIER, 1990) uma vez que buscamos discutir as práticas de produção e circulação de saberes pedagógicos empreendidas por esse movimento e os modos de intervenção que os atores em cena utilizaram na educação das famílias. Deste modo, mobilizamos na documentação de ambos os países – Brasil e Portugal - um conjunto de fontes variadas, incluindo anais dos congressos, revistas, livros e artigos de jornais, publicações, especialmente aquelas relacionadas aos seus intelectuais mais expressivos, citados anteriormente.

No campo da História da Educação, os projetos educacionais direcionados às famílias e a relação família-escola ainda aparecem como uma dimensão pouco explorada nas pesquisas. Além disso, ganha relevo as produções centradas no período de 1920-1950. As pesquisas realizadas por Mignot (2002), Magaldi (2007), Freire (2006), Orlando (2013), Henriques (2015), dentre outros, têm contribuído para alargar esse cenário que pode ser construído de maneira entrecruzada com os estudos sobre a educação feminina e os estudos de gênero – notadamente, aqueles mais voltados para a História das Mulheres - e os estudos sobre a infância. Nesse sentido, as pesquisas de Bassanezi (1996) e Mary Del Priori (1993; 2007), têm fornecido valiosas contribuições para pensar os papéis sociais no bojo dessa instituição que, ao longo da história, vem sendo construída como a base de formação dos indivíduos, especialmente no período que compreende a infância e a juventude.

A família, portanto, a despeito de todos os arranjos que a configuram, é entendida aqui em seu sentido modelar, burguês, intimista, privado, nuclear, construída como um “refúgio”, tal como Lasch (1991) lhe atribui sentido. No entanto, o mesmo autor reconhece a invasão que esta instituição sofre com a emergência dos novos saberes pedagógicos pelos conhecimentos oriundos da Medicina, da Psicologia, das Ciências da Educação,

¹ Projeto aprovado pelo Edital Ciências Humanas e Sociais/CNPQ'2014, Processo: 471050/2014-8.

mas também da leitura científicizada que a Igreja fez de todos esses saberes. Em larga medida, essa difusão de saberes contribuiu para que se projetasse e encaminhasse, na prática, um conjunto de ações educativas na direção das famílias, orientando-a para melhor exercer a função social que lhe foi prescrita.

Os projetos de intervenção familiar estão carregados de uma intencionalidade que evidenciam a função social de “polícia” que lhe foi atribuída, ainda que muito sutilmente, tal como define Donzelot (2001). Por meio da educação, as famílias exercem ao longo da vida do indivíduo uma ação censora que deve servir para orientar escolhas, valores, hábitos, comportamentos, posicionamentos, os quais são esperados para o tipo de cidadão que se pretende formar. Na análise que faz sobre a “polícia das famílias”, Donzelot (2001), em um diálogo estreito com Foucault, afirma que as famílias seriam o motor de propulsão do desenvolvimento social, assinalando, no entanto, que isso só aconteceria, através de uma acoplagem com outros setores, da mesma forma que outros setores entram em relações de acoplagem, ou de cruzamento para agirem sobre ela. A cada cruzamento, montam-se dispositivos que irão funcionar de diferentes maneiras, tais como a filantropia, a caridade, o tribunal de menores, etc. Todas as prescrições oriundas dessas instâncias girariam em torno da ideia de conjugalidade, dos deveres e das funções sociais de cada cônjuge. O que fica evidenciado é que a família, como dispositivo de governo e seus múltiplos mecanismos de controle da população, podem ser melhor compreendidos, se inseridos em um conjunto de ações táticas (HENRIQUES, 2015).

É sabido, no entanto, que apesar de todas as medidas disciplinares e auto-disciplinares, não é possível garantir o resultado esperado quando se trata de sujeitos que se constroem por muitos caminhos, em muitas relações, com expectativas e sentidos de vida próprios de sua época e de seu meio - e este, vai muito além da família. Há uma consciência dessa impotência, mas no caso do movimento aqui abordado, o argumento central é que essa impotência é agravada pela incompetência dos pais em lidar com determinadas questões, as quais - por motivos morais, muitas vezes - foram ensinados a não abordar, como sexo e drogas. Trazer estes temas à pauta, discuti-los, colocá-los no centro da conversa, especialmente com a mediação feita por especialistas, teria o sentido de desmistificá-los, naturalizá-los dentro da família, sem perder a integridade do lar e, ao mesmo tempo, contribuir para o seu equilíbrio e manutenção.

De maneira associada, trata-se de uma estratégia com dupla finalidade: assegurar o controle sobre os filhos por um tempo mais prolongado e de maneira mais eficaz, considerando o sentido dinâmico dessa relação que compreende sempre ações e reações ou tal, como propõe Certeau (1994), estratégias e táticas que se estabelecem diante do exercício de poder e controle, uma vez que o foco privilegiado do movimento é a formação dos pais para lidar com os problemas da juventude; ao mesmo tempo, ao mobilizar os cônjuges para trabalharem juntos a fim de evitar conflitos e choques geracionais com os filhos, reforçam também os laços entre o casal, o que incidiria diretamente na preservação da família em um momento em que o divórcio se constituía como tema de relevo na sociedade brasileira. Para os educadores católicos, sobretudo, os anos de 1960 traziam consigo a necessidade de um projeto que contribuísse para sanar três grandes problemas: sexo, drogas e divórcio. Sob essa bandeira, nasce, em 1963, a Escola de Pais no Brasil.

Em que pese as várias iniciativas voltadas à educação das famílias nos EUA

desde o século XIX, é em 1928 que o termo Escola de Pais é utilizado pela primeira vez, na França:

‘foi em 1928 que a Sra. Vérine, mulher de letras e educadora, inventou a palavra “Escola de Pais”, que, desde então, faz sucesso. Essa expressão não fora usada ainda por ninguém[...] A Sra. Vérine, convidada por uma equipe de estudos para apresentar ao Tribunal de cassação uma exposição sobre o problema da educação sexual, aproveitara-se da oportunidade para descrever o fenômeno da inibição que se podia constatar, então, em certo número de pais e mães diante dos seus deveres educativos. Dar-lhes a consciência desses seus deveres ao mesmo tempo que ministrar-lhes meios para melhor desobrigar-se deles, seria exatamente esse o objetivo dessa escola de Pais, cujo projeto foi calorosamente acolhido pela assembleia’. (BERGE apud MENDO, 2013, p. 42)

Deste modo, em 1929, Marguerite Verine-Lebrun funda o movimento *L'École des Parents et des Éducateurs* (EPE), em 1949 é criada a *Revue L'École des parents*, e em 1964 é criada a *Fédération Internationale pour l'Éducation des Parents* (SITE OFICIAL EPE, Ile de France). A relação do Brasil com essas instituições foi sempre muito intensa e estreita, chegando mesmo a presidente da Escola de Pais do Brasil a assumir a vice-presidência da *Fédération Internationale pour l'Éducation des Parents*. Posteriormente, o Brasil ajudou, ainda, a fundar a Federação Latino Americana de Escolas de Pais.

Escola de Pais no Brasil

Em 2013, o movimento da Escola de Pais completou cinquenta anos no Brasil. Naquela ocasião, mantendo a tradição de promover um Congresso anual em âmbito nacional e já o ampliando para o âmbito internacional, foi realizado o 50º Congresso Nacional, com uma publicação exclusiva para o momento, que recuperava a trajetória do movimento e abordava a temática do evento em questão sobre a “Geração Z: família e escola na era digital”.

Apesar da aparente leveza do tema em relação àqueles que impulsionaram a criação do movimento, a escolha da temática reforça, pelo menos, dois movimentos que constituem a Escola de Pais: o preparo das famílias para acompanhar as mudanças sociais (formação social), e o estreitamento da relação família-escola em maior sintonia, tanto em relação aos princípios que deveriam orientar a educação dos jovens, quanto em relação às práticas pedagógicas, calcadas em princípios da Psicologia (formação pedagógico-cultural).

Neste ano de 2013 estamos comemorando os 50 anos de existência da nossa Escola de Pais do Brasil, como a única ONG neste país a festejar seu Jubileu de Ouro, pelos serviços prestados preventivamente na orientação familiar, tendo como missão ‘Ajudar pais, futuros pais e agentes educadores a formar verdadeiros cidadãos’.

Sempre procurando acompanhar a evolução dos tempos, a Escola de Pais do Brasil, por meio do seu Conselho de Educadores, procura levar aos associados e participantes assuntos voltados ao crescimento e à boa convivência humana [...]

No mundo em que vivemos, muito diferente do mundo em que viveram os nossos pais e nossos avós, estamos frente a um oceano de possibilidades novas e radicais de mudanças em nossas vidas, em face da globalização com suas ferramentas e imaginações [...]. (REVISTA DO CONGRESSO - ESCOLA DE PAIS DO BRASIL, 2013, p. 4)

Buscando estar em consonância com os problemas do seu tempo, a problemática

do evento era assim anunciada: “EDUCAR NO E PARA O SÉCULO XXI É O NOSSO MAIOR DESAFIO! O que a Família tem a fazer? Pode fazer? Deve fazer? E a escola como parceira?” (REVISTA DO CONGRESSO - ESCOLA DE PAIS DO BRASIL, 2013, p. 5). O acento na escola como parceira da família indica, no movimento, a centralidade desta como instituição educativa primeira e nuclear na formação dos filhos, diferentemente daquela concepção, fortemente difundida nos anos 1920 e 1930, que situava a escola como instituição educativa por excelência por ser detentora dos saberes científicos e a família como sua potencial parceira que precisava, no entanto, ser formada para cooperar de maneira racional com o trabalho da escola².

Tal compreensão se justificava pela natureza do movimento, o qual foi liderado por um grupo de pessoas ligadas à Igreja Católica com o objetivo de orientar as famílias para que estas pudessem atuar de forma mais eficaz na educação dos filhos, diminuindo com isso as mazelas sociais que acreditavam ser consequência da ausência e da ignorância das famílias em lidar com os problemas da juventude. A matéria “Desde 1963 aproximando pais e filhos”, publicada na Revista do Congresso - Escola de Pais do Brasil, assim conta o início de sua história:

Quando um grupo de idealistas lançou a pedra fundamental deste edifício de 50 anos, no dia 16 de outubro de 1963, teve adesão entusiasmada, não apenas de festejados educadores e da intelectualidade da época, mas por muitos interessados. A proposta inicial foi de rara inspiração – reunir em colégios pais e professores -, para debater a mais complexa de todas as atividades humanas, a formação de crianças, adolescentes e jovens. Assim é que nossos maiores inscreveram nos alicerces do Movimento este slogan: *‘Escola de pais, o menor caminho entre pais e filhos’*. Uma preocupação inicial norteou os fundadores: a entidade deveria ser aberta a todas as pessoas, independentemente de credo, raça, preferências políticas, formação cultural ou patamar social. A Escola de Pais nasceu e permanece um movimento voluntário, gratuito, aconfessional, apartidário e sem fins econômicos. (REVISTA DO CONGRESSO - ESCOLA DE PAIS DO BRASIL, 2013, p. 8)

Fundada por iniciativa da Madre Cristina Sodré Dória³, com o apoio do Pe. Leonel Corbeill⁴ e da intelectual e pedagoga Maria Junqueira Schmidt⁵, foi registrada em 16 de

² Sobre a disputa entre os vários grupos de educadores sobre a primazia da educação, ver Magaldi (2003).

³ Madre Cristina Maria, religiosa das Cônegas de Santo Agostinho, especialista em temas relacionados à Psicologia. Formada na Universidade de Lovaina, defendeu tese sobre Psicodinamismo do ajustamento da personalidade. Fez três viagens de estudos à Europa e uma aos Estados Unidos, publicou diversos livros no campo da Psicologia e promoveu cursos em todo o Brasil nessa mesma área.

⁴ Padre Leonel Corbeill, religioso canadense da Congregação de Santa Cruz, fundador e Diretor do Colégio Santa Cruz, foi nomeado o primeiro Presidente de Honra da Escola de Pais do Brasil. Colaborou intensamente com o movimento de muitas formas, dentre elas, sediando no Colégio Santa Cruz os Congressos Nacionais da Escola de Pais a cada ano, os cursos da EPB e reuniões de lideranças. Foi também fundador e Presidente da Associação de Educação Católica do Estado de São Paulo de 1952 a 1974 e membro-fundador do Conselho Estadual de Educação de São Paulo durante 21 anos.

⁵ Educadora católica que se envolveu em diferentes projetos políticos e práticas educacionais voltadas para a formação da juventude e educação das famílias. A Orientação Educacional e Educação das Famílias, ou mais precisamente - a relação escola-família - foram temas caros aos quais se dedicou por toda a vida pelos vários lugares por onde passou como professora, diretora de escola, membro de várias Campanhas Nacionais relacionadas à educação - dentre elas, a Campanha Nacional do Livro Didático, a Campanha Nacional da Criança, a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário – como escritora, conferencista, fundadora e difusora da Escola de Pais, como apresentadora de rádio e TV. Seu ativismo político educacional merece destaque e nos coloca questões acerca da presença feminina, não apenas nas salas de aula, mas no cenário político, intervindo diretamente nos projetos educacionais da nação, participando ativamente dos debates e das disputas nas quais educadores de diferentes matrizes se

outubro de 1963 como entidade jurídica, no cartório do 1º Ofício da Capital do estado de São Paulo. “Tratava-se de um movimento cristão, apolítico, voluntário, cuja finalidade era atualizar os pais, dando-lhes uma visão mais ampla dos objetivos da educação, conscientizando-os do seu papel de educadores, responsáveis pela formação integral de seus filhos.” (MARTINS; MARTINS, 2013, p. 17).

Os objetivos do movimento vinham representados no logotipo:

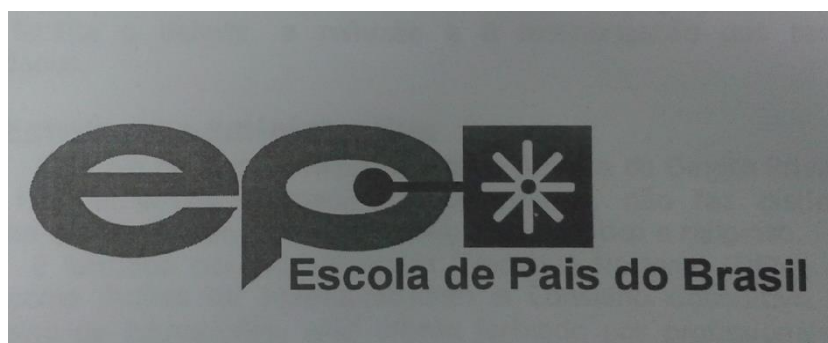


Figura 1 - Logotipo da Escola de Pais.

Fonte: *50 anos de Escola de Pais: Sua história e sua gente*, 2013, p. 11.

De acordo com a explicação fornecida pelo próprio movimento, a figura, que deveria ser utilizada por todas as escolas, traduz a seguinte simbologia:

Assim o logotipo foi imaginado: um buraco negro absorvendo a relação pais e filhos, marido e mulher, casais entre si; este grupo, como uma benção, criou, deixou surgir da escuridão, uma estrela. Raios luminosos atravessam o buraco negro e indicam a direção a ser seguida pelos pais, através do movimento Escola de Pais, que iria iluminar as famílias da nossa sociedade. (MARTINS; MARTINS, 2013, p. 11)

A sensibilidade religiosa evocada nesse slogan coloca quase que em segundo plano o caráter social e político de resistência em prol da instituição familiar burguesa, que configura o movimento desde o seu início.

Aparentemente, a criação da Escola de Pais constituiu um acontecimento de pouca importância. Algumas senhoras da alta sociedade decidiram, em 1929, reunir-se por iniciativa de uma delas, a Sra. Vêrine, para organizar um ensino cooperativo dos pais a fim de adaptar a antiga e rígida moral familiar às exigências da vida moderna. A Grande Guerra afrouxara os vínculos de autoridade; os filhos aproveitaram a ausência de seus pais para se emanciparem mais cedo e, as esposas, na retaguarda, tiveram que assumir responsabilidades às quais está fora de questão fazê-las renunciar. Além disso, em quase todos os pontos da Europa, vê-se florescer novas concepções pedagógicas, mais liberais, que confiam na espontaneidade das crianças ou, então, novas formas de enquadramento da juventude como o escotismo. O objetivo anunciado da Escola de Pais consistia em registrar essas inovações e conciliá-las com o que fosse essencial nos antigos valores familiares. Daí, a reunião de uma série de congressos para os quais essas damas convocam psiquiatras, pedagogos, responsáveis pelos movimentos de juventude e organizações familiares, a fim de dissertarem sobre a infância, sobre os problemas da adolescência, o futuro da juventude, os perigos do cinema, das

envolveram, com o objetivo de estabelecerem seus projetos e suas visões de mundo, a partir do campo educacional. Cf. Orlando (2015).

leituras corruptas, da rua, e de toda essa "contra-educação", segundo seus próprios termos²². Produção de livretos, jornadas, conferências na província, esboço de uma formação de educadores familiares, etc. Em suma, um programa que poderia parecer pouco original se não fosse situado no contexto preciso da relação escola-família dos anos trinta. (DONZELOT, 2001, p. 147)

O que estava em jogo era a recuperação do lugar basilar da família na sociedade e sua primazia na educação, tão defendidos pela Igreja e pelos educadores católicos. O movimento se constituiu, portanto, frente à hegemonia declarada da escola sobre as famílias nos anos de 1930 e representou uma forma de demarcação de espaço, ainda que isso tenha significado assumir a necessidade de se atualizar em relação às questões médicas, psicológicas, pedagógicas e sociais, não para fazer frente à escola, mas para demarcar e assegurar às famílias um espaço legítimo junto à instituição escolar na educação das crianças e juventude.

A proposta pedagógica da Escola de Pais

Organizado a partir de São Paulo, a proposta pedagógica do movimento era apoiada na Psicologia e na técnica de dinâmica de grupo, inspirada nos Círculos de Pais que vinham sendo desenvolvidos no Rio de Janeiro pela professora Maria Junqueira Schmidt, na Orientação Educacional e nos cursos que promovia na Ação Social Arquidiocesana (ASA) daquele Estado, direcionada à educação das famílias. O enfoque ganhou outra conotação, mas as similitudes do trabalho permitem afirmar que o movimento é uma ampliação, em outras bases, de um projeto de educação familiar que buscava aproximar esta instituição da escola e orientá-la em relação a diversos problemas relacionados à vida do jovem pela Orientação Educacional.

Desde 1935 - como Diretora da Escola de Comércio Amaro Cavalcanti, instituição pública de ensino secundário do Rio de Janeiro/Brasil - Maria Junqueira Schmidt fomentou a Orientação Educacional como parte da formação dos seus alunos. A preocupação com a educação das famílias já aparecia desde então ao reconhecer que o êxito da escola na formação dos indivíduos seria um empreendimento possível apenas em parceria estreita com as famílias, sendo necessário, portanto, promover maior estreitamento entre essas duas instituições. Para tanto, estas precisariam entender melhor os caminhos de atuação na vida dos jovens, ressaltando o impacto de suas ações na própria sociedade. O Orientador Educacional teria a função de fazer essa mediação com as famílias, promovendo Círculos de Pais cujo objetivo deveria visar a “unidade na atuação pedagógica e aprimoramento nas relações humanas no lar e na escola como um Programa Integrado de Educação Permanente” (SCHMIDT; PEREIRA, 1963, p. 170).

Em 1963, depois de uma longa trajetória como Orientadora Educacional, Maria Junqueira deixa claro o alcance dessa proposta:

Educação familiar primeiro, depois Educação Nacional [...] a Educação de Pais é hoje o aspecto mais importante da Educação Popular. A educação dos Pais é exigência dos tempos novos. Os pais formam cerca de 80% da comunidade. Através deles, a escola atinge não só as famílias, mas a própria sociedade. (SCHMIDT; PEREIRA, 1963, p. 170-171)⁶

⁶ O livro foi escrito em co-autoria com Maria Lucia Pereira e lançado em 1963, ano em que foi fundada a

Essa afirmação mostra a permanência da preocupação com a educação das famílias pelos intelectuais, os quais desde os anos 20, mais acentuadamente, as tornaram alvo de ações educativas sob sua direção a fim de estabelecerem com elas uma parceria esclarecida na obra de reorganização da sociedade pela via da educação⁷.

A partir dos anos de 1940, no Brasil, intelectuais católicos como Álvaro Negromonte e Maria Junqueira Schmidt defendiam que muitos dos problemas da juventude eram resultantes de uma base familiar despreparada, o que demandava incidir diretamente sobre a família a partir de dois movimentos: fortalecê-la como estrutura social sólida, capaz de assumir a responsabilidade sobre seus filhos; orientá-la a lidar com determinadas questões próprias da juventude como a sexualidade, drogas, desajustamento social e moral, etc⁸.

Essa necessidade autorizava uma intervenção especializada para orientá-la em sua função educativa, de forma legítima, o que já vinha sendo propagado desde o início do século XX. Médicos, psicólogos e psicanalistas ganharam espaço nesse cenário e se consolidaram como vozes autorizadas do movimento ao lado de padres e pedagogos, portadores da sagrada missão educacional. No caso da Escola de Pais, eles fornecem legitimidade científica ao movimento, o que pode ser entendido na seguinte chave de leitura elaborada por Donzelot para discutir a Escola de Pais na França:

Se considerarmos rapidamente o funcionamento dos conselheiros educacionais, sexuais, conjugais, que floresceram sobre o problema, tem-se a impressão de um compromisso apressado entre os dois registros, de uma mistura, em doses variáveis, entre o escolar e o familiar, o médico e o religioso, a perícia e a confissão. A Escola de Pais é o teatro de uma espécie de negociação permanente entre pais e educadores. Os médicos nela vêm se iniciar na escuta dos problemas familiares. Os padres começam a absorver o vocabulário familiar e a detectar o patológico na narração das faltas. Como símbolo dessa preocupação de síntese podemos indicar o surgimento, em 1936, da revista *L'éducation*, reagrupamento, em torno da Escola de Pais, da antiga *Revue familiale d'éducation*, órgão da Federação Geral das Famílias, dirigida pelo Pe. Viollet, especialista em confissão e em círculos de preparação para o casamento, e da revista *Education*, boletim pedagógico dirigido por Bertier, antigo diretor da *Ecole des Roches*, grande apreciador das inovações pedagógicas. (DONZELOT, 2001, p.161)

A necessidade de ser orientado pelo discurso científico, como forma de estar *pari passu* com a modernidade, também é apontado por Schmidt ao salientar o interesse dos próprios pais na direção dessa formação. Segundo a autora,

Essa formação moderna os pais a vêm procurando nos Círculos de Pais, organizados pelas escolas e pelos Centros Sociais. O que eles pedem, antes demais nada, aos Círculos, são conceitos claros e normas exequíveis para assegurar melhor orientação à inteligência dos seus filhos. Sentem-se omissos diante da influência da escola e da vida moderna tão altamente materializada. (SCHMIDT, 1964, p. 16)

O livro *Também os pais vão à escola* (1962) foi a principal referência bibliográfica para o movimento do ponto de vista pedagógico. As bases pedagógicas dos Círculos

Escola de Pais.

⁷ Nesse sentido, Cf. Magaldi (2003; 2005;2007); David (2012); Freire (2006); Orlando (2013), dentre outros.

⁸ Nesse sentido, tanto o padre Negromonte quanto Maria Junqueira Schmidt passaram a promover cursos voltados às famílias pela ASA e publicaram uma série de livros especificamente com esse objetivo.

advêm dos estudos de Madre Cristina, na Europa e nos EUA, e dos estágios realizados por Maria Junqueira Schmidt na Escola de Pais de Paris, além da documentação levantada sobre as técnicas empregadas pelo *Institute of Creative Teaching*, da Universidade de Buffalo, das quais se apropriou para criar um conjunto de técnicas diversificadas para cada ciclo, colocando o Brasil no bojo da efervescência dos debates acerca da educação familiar.

Os Círculos de Pais funcionavam como cursos para pais ou qualquer pessoa interessada. Daí saía indicações de possíveis outros casais que poderiam passar por uma formação específica de liderança para dirigirem outros Círculos e impulsionarem a abertura de novas Escolas de Pais em outras cidades. Os Círculos funcionavam da seguinte maneira:

Reunindo pessoas interessas, e por intermédio de um temário pré-estabelecido por um Conselho de Educadores, a Escola de Pais trabalha durante 10 semanas, sempre uma vez por semana, de preferência à noite, a fim de facilitar a presença dos dois membros do casal. Com um trabalho sistemático de 10 semanas por semestre, em dois semestres a Escola de Pais dá um mínimo ou uma base para que os pais possam educar melhor. Depois destes dois estágios, a Escola de Pais propõe sessões de atualização, com temas propostos pelo grupo. (LOPES, s/d, p. 34)

Ainda hoje, as 10 sessões têm em média 2h e consistem em 3 partes para o curso de liderança: 1. Preleção; 2. Círculo de debates; 3. Avaliação. Nos círculos realizados para a comunidade, o casal líder trabalha apenas o tema pelo debate (LOPES, s/d, p. 10). Toda a estrutura se encaminha para a finalidade máxima do movimento que consiste em duas palavras-chave: atualização e educação permanente. Mas que educação? Para quem e para quê? Para Lopes (s/d) o conceito está relacionado à relação pais e filhos diretamente. Nesse sentido, segundo a primeira presidente do movimento no Brasil:

Educar hoje, será educar para as surpresas, para saber escolher, saber optar. Será treinar para discernir. A educação hoje deve ser essencialmente despertar essa capacidade fundamental de adaptação sem contudo perder sua identidade própria. Ora! Adaptar-se às novas situações e conservar a identidade própria, significa conservar os valores essenciais e mudar continuamente a sua expressão. (LOPES, s/d, p. 21)

É Charbonneau⁹, pela sua experiência com casais, que percebe que o trabalho

⁹ Padre e intelectual canadense, membro da Congregação Santa Cruz, que viveu no Brasil entre os anos de 1959 a 1987 e atuou intensamente na educação da juventude e na formação das famílias. Foi professor de Filosofia e, posteriormente, assumiu a direção compartilhada do Colégio Santa Cruz com o padre Leonel Corbeil. Tornou-se conhecido pelos seus encontros de casais, publicou diversos livros sobre o tema, especialmente sobre sexualidade e drogas, realizou inúmeras conferências em todo o país e também em âmbito internacional, mobilizou diferentes mídias como revistas, jornais e TV, e colaborou assídua e intensivamente com o jornal Folha de São Paulo e com a Escola de Pais. Apesar de sua atuação engajada na educação brasileira e de sua circulação e influência na Escola de Pais também em Portugal, sua presença raramente aparece na historiografia educacional. No entanto, é possível encontrar remissões ao intelectual nas pesquisas que têm como objeto a educação sexual, tema privilegiado no trabalho do padre junto aos jovens e às famílias. Isso nos coloca diante de um ilustre desconhecido que merece um maior investimento de pesquisa histórico-educacional sobre as contribuições de seu trabalho e a circulação de suas ideias. Sobre Charbonneau, ver: Sanchis (1992), Silveira (2006), Montardo (2008), dentre outros.

voluntariado dos casais ajuda em primeiro lugar a eles mesmos e à relação conjugal, como pode-se perceber na ressalva feita pelo padre:

A estes valorosos casais a Escola de Pais deve o que de melhor tem feito, embora eles não devam nunca esquecer que 'quem necessita da Escola de Pais são os próprios casais' – será nela, recebendo um reforço tão necessário para o dia a dia, que muitos conseguirão resolver seus problemas conjugais e salvarem seus lares. (CHARBONNEAU apud LOPES, s/d, p. 36)

Não obstante estar voltado para diferentes segmentos sociais, o movimento se organiza e reforça o modelo de família burguesa, visível em sua estrutura. Organizado por uma presidência nacional, um conselho consultivo de educadores e seccionais regionais, a liderança nacional e das seccionais, no entanto, é sempre assumida por casais. Os especialistas, médicos, pedagogos e religiosos, por exemplo, fazem parte do Conselho Consultivo de Educadores. O que percebemos é exatamente um movimento que evidencia a ação policiadora da família sobre os filhos e sobre si mesma por meio da autodisciplina. Ensinar os filhos a fazerem escolhas tendo os pais como principal referência não é a mesma coisa que ensinar os filhos a pensarem por si mesmos, mas ensiná-los a pensar como seus pais mesmo quando estes não estiverem por perto. Tal estratégia se configura como um dos dispositivos de controle mais eficaz que é a autoregulação, expressão máxima da disciplina, tal como define Elias (1991). No caso do movimento aqui apresentado, ela pode ser percebida na profissão de fé da Escola exposta em seus objetivos:

a. ensinar aos pais a se educarem e a se instruírem mutuamente a fim de fazer de seus filhos futuros valores sociais e morais; b. trabalhar para o renascimento do espírito familiar na França; c. salvaguardar os direitos da família sobre a criança; d. realizar a união sagrada em torno da família. (DONZELOT, 2001, p. 147)

Nesse quadro, a Psicanálise ganha relevo e emerge com toda força, tornando-se a principal aliada do movimento. Por meio do jogo da educação familiar, a Psicanálise tornará a família burguesa mais permeável às exigências da vida social e, ao mesmo tempo, boa condutora das normas sociais.

Partindo da escola, dos problemas de desadaptação escolar, passou-se para os problemas da procriação, da vida familiar e da harmonia conjugal, para, finalmente, voltar à escola com a instauração da educação sexual. Nesse circuito escola-família, o operador de cada etapa foi a psicanálise. É ela quem autoriza o deslocamento dos problemas de aproveitamento escolar para os da harmonia familiar. É ainda ela quem instrui uma educação sexual não mais centrada nas doenças venéreas, mas na questão do equilíbrio mental e efetivo. Face ao desdobramento dos psicólogos, dos conselheiros e dos educadores que se satelizam em torno da relação escola-família não basta dizer que aí passou a psicanálise. Seria mais exato dizer, embora jogando um pouco com as palavras, que é por aí, através desse ativismo familiar-escolar que ela pôde passar. Tomemos os livretos da Escola de Pais nos anos cinqüenta. Veremos que quase todos os psicanalistas de renome na atualidade aí deram seus primeiros passos. (DONZELOT, 2001, p. 253)

Deste modo, em um primeiro momento, a Escola de Pais estabelece uma relação direta com os núcleos de produção de saberes sobre a infância e a juventude e, em seguida, passam a intervir também na vida sexual e familiar, observada de forma mais

enfática na Escola de Pais de Portugal do que na Escola de Pais do Brasil.

A Escola de Pais em Portugal

Chamada por Escola de Pais Nacional em Portugal, teve seu início em 1968 – um trabalho interno, primeiramente, de organização, estruturação e elaboração do movimento - e seus primeiros ciclos pilotos em 1969.

Dia 18 de abril de 1969, na cidade do Porto (Portugal) às 21h30min Dra. Alzira Lopes lançou os fundamentos da primeira Escola de Pais em terras portuguesas. Presentes vários educadores, religiosos e muitos casais interessados. O movimento foi muito bem aceito e o grupo ficou satisfeito por receber a mensagem da Escola de Pais e poder seguir os mesmos moldes da Escola de Pais do Brasil. A cidade do Porto, através de uma correspondência muito assídua, conseguiu levar adiante o trabalho e despertar o interesse de várias cidades portuguesas [...] Em consequência do bom trabalho, passaram logo a preparar seu primeiro congresso. (MARTNS; MARTINS, s/d, p. 41)

Curiosamente, a fundação da Escola de Pais Nacional, de Portugal, não esteve associada diretamente à França, mas ao Brasil, com o qual manteve estreita relação desde o princípio. Em 1970, depois da experiência bem-sucedida dos ciclos, foi fundada oficialmente e reconhecida juridicamente em 1971, com sede na cidade do Porto. Em estreita sintonia com a Escola de Pais do Brasil, seus objetivos são muito semelhantes: fomentar a vida conjugal, trabalhar por uma eficácia maior na educação dos filhos e manter uma relação aproximada com a escola.

Apolítica e aconfessional, embora de inspiração cristã, aberta a todos – Casais ou pessoas simples – que venham por bem, ela não pretende nem pode fornecer (como ninguém, aliás) fórmulas infalíveis ou incontestáveis no campo da educação, mas acredita que mercê da sua actividade será possível a muitos pais encontrarem uma atitude nova e um espírito renovado entre si, na família, na sociedade e no trabalho [...] Constituída por escritura pública, datada de 8 de Maio de 1970, viu os seus Estatutos aprovados pelo Ministério da Educação Nacional em 7 de janeiro de 1971. Nele se diz que a Escola de Pais procura fomentar “uma verdadeira harmonia conjugal e um clima próprio à educação dos filhos e à colaboração com a escola” para melhor cumprimento de uma função familiar e social procurará estender-se a todo o território português. (COSTA, 1974, p. 38, 39)

Buscando cumprir esse objetivo de difusão, fundou para além do Porto, delegações em Guimarães, Lisboa, Guarda, Braga, Lourenço Marques, Portalegre e Chaves. Paralelamente, há aí um movimento que se retroalimenta. A Escola de Pais se consolida na medida em que se expande e se expande cada vez mais ao passo em que se revela consolidada na sociedade. Uma das estratégias para isso é o reconhecimento pela instância máxima de legitimação do campo educacional, nesse caso, o Ministério da Educação e como instituição de utilidade pública, reconhecida pelo Ministério da Justiça. Tal estratégia se percebe nos dois países aqui abordados.

Os contornos da Escola de Pais em Portugal também apresentam o mesmo desenho que no Brasil em relação às suas estratégias de difusão. Novamente, produção e circulação ocorrem paralelamente e buscam um largo alcance, percebido notadamente, na diversidade dos espaços ocupados, os quais possuem públicos consumidores muito distintos. Essa diversificação dos meios de circulação é indicativa de uma forte

mobilização do movimento em alcançar os diferentes segmentos sociais como um projeto de efetivo alcance nacional e internacional, que poderia contribuir para solucionar as mazelas sociais ao assegurar o lugar nuclear da família na sociedade.

Ao explicar o papel do movimento em Conferência pronunciada à Liga Portuguesa de Profilaxia Social, o engenheiro José Gil da Costa¹⁰ assim o apresenta:

A sua actividade que envolve e prevê vários estilos de acção – como conferências, colóquios, encontros de casais e jovens, cinemateca, biblioteca, gabinete de consultas, emissões na Rádio e TV, educação de livros e revistas, etc. – caracteriza-se, particularmente, pela realização de seus cursos regulares que são levados a efeito onde sejam solicitados e na medida das possibilidades. Sendo gratuitos, também neste aspecto não podem existir dificuldades para ninguém.

Um curso da Escola de pais comporta 4 ciclos, cada um composto de 7 Temas, apresentados uma vez por semana, à noite, durante 7 semanas consecutivas. As sessões desenvolvem-se segundo técnicas de trabalho de grupo e são conduzidas por Casais preparados para o efeito. O seu conteúdo é acessível a todos os meios culturais e sociais, adaptando-se obviamente, a forma às circunstâncias [...] o normal é cada Casal ou pessoa simples fazer um ciclo por ano. cremos que o êxito da Escola de pais, ilustrado por cerca de 160 ciclos realizados e mais de 4000 casais atingidos em menos de 5 anos de actividade que começou “engatinhando” tem sido o resultado de duas determinantes: a regra e o espírito. Exigir, por regra; aceitar, por espírito.

Quando exige tem na sua consideração não só a quem exige, mas a si própria. Quando aceita, abre-se a quem a procura, e este abrir-se, mesmo aos que, porventura muito erram, - os mais carecidos – não significa que não repudie firmemente o erro. [...]

Tem-se procurado um grande equilíbrio de atitudes e as falhas não podem ser assacadas à Escola de Pais mas a nós próprios, pelas nossas insuficiências e, sei lá, incoerências. Os elementos dos nossos quadros não são gente que pretenda apresentar-se como exemplo, mas antes que sente a necessidade premente e urgente de se aperfeiçoar. (COSTA, 1974, p. 39-41)

Para além da relação entre pais e filhos, percebe-se notadamente na Escola de Pais Nacional, um acento muito incisivo em preservar a relação conjugal, o que pode ser visto em matérias publicadas nas revistas que abordam a sexualidade entre o casal, de maneira a estimular a intimidade e a cumplicidade entre os conjugues, como uma forma de evitar a dissolução do casamento, que na ótica do movimento tem desdobramentos impactantes nos filhos e em sua educação. Padre Charbonneau, uma das referências basilares do movimento, considerado “profeta do amor” por D. Evaristo Arns¹¹, afirmava: “Amem-se e seus filhos serão felizes”, “Amem-se. É a única maneira de fazer com que seus filhos sejam felizes” (MARTINS; MARTINS, p. 81).

Pela sexualidade do casal, o que está em jogo é a manutenção da instituição familiar. Essa se caracteriza a primeira base da família. Mais do que se posicionar contra o divórcio com um discurso moralista, a estratégia de fomentar o amor e o afeto entre o casal se mostra mais eficaz, pois permite reforçar os vínculos, tornando-os cada vez mais

¹⁰ Fundador da Escola de Pais Nacional e impulsionador do movimento em Portugal desde 1968, 2 anos antes de sua fundação oficial. Também pertenceu ao grupo fundador do Secretariado das Associações de Pais do Ensino Oficial. Realizou inúmeras conferências, palestras e colaborou em diversos livros com artigos sempre orientados na defesa da família e na sensibilização de pais e educadores para a orientação da juventude. Sócio-fundador da Associação de Pais para a defesa da família, onde ocupa o lugar de Presidente na Assembleia Geral. Pertence ao Conselho de leigos na Diocese do Porto dès de 1977. (ANAIS DO VIII CONGRESSO DA ESCOLA DE PAIS NACIONAL, 1978, p. 9; 35).

¹¹ Tal atribuição se deve ao fato do Padre Charbonneau ter dedicado sua vida aos casais, ao amor conjugal, às famílias e aos jovens.

indissolúveis. A força das imagens nas matérias sobre sexualidade, apresentadas com naturalidade em relação ao corpo e à nudez, reforçam essa postura apelativa de estimular a interação sexual entre os casais – especialmente no período da gravidez quando - por questões de mito ou de vergonha em relação ao corpo – a sexualidade é inibida, como se pode ver nas imagens abaixo:



Figura 2 - Matéria: Pode-se fazer amor durante a gravidez.

Fonte: Revista da Escola de Pais, n. 1, dezembro de 1979, p. 50-51.

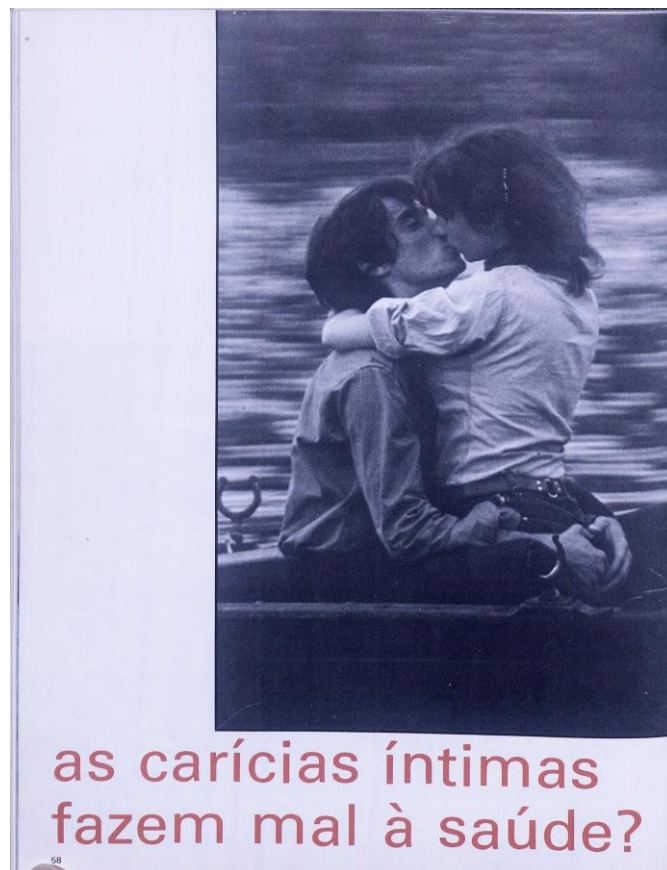


Figura 3 - Matéria: As carícias íntimas fazem mal à saúde?

Fonte: Revista da Escola de Pais, n. 1, dezembro de 1979, p. 58.



Figura 4 - Matéria: As mil nuances do prazer.
Fonte: Revista da Escola de Pais, n. 3, julho de 1979, p. 60-61.



Figura 5 - Matéria: As mil nuances do prazer.
Fonte: Revista da Escola de Pais, n.3, julho de 1979, p. 62.

O ponto de chegada – a preservação da família burguesa - parece ser assinalado pelo presidente do movimento em seu posicionamento sobre o casamento:

Os pais não têm o direito de subestimarem ou desfazerem os seus lares e de estropiarem os seus filhos. Há jovens demais, fartos da casa de seus pais, que se escondem em qualquer parte durante o dia e são simples pensionistas do seu lar. Há jovens demais que realizam, através de um casamento prematuro e quantas vezes desgraçado, a fuga do seu ambiente familiar.[...] Eu sei que chegará a altura que, como diria Cesbron, será menos necessário julgar os filhos, porque estaremos a salvar os pais. Acredito que dobraremos o Cabo das Tormentas que cedo será o da Boa Esperança, e a Família, pedra angular das sociedades civilizadas, retomará toda a sua força interior. (COSTA, 1974, p. 41-42)

Salvaguardar a instituição familiar pela manutenção do casamento abre espaço para a educação sexual do próprio casal. Para o Padre Charbonneau é imprescindível o “diálogo sobre o amor”.

A vida amorosa é uma forma de conversação na qual os interessados compartilham de tudo o que têm e são. É condenável tudo aquilo que poderia degradar estas relações’. Dizer, conseqüentemente, que a união sexual deve ser um diálogo carnal que terá as suas leis, como o diálogo interior de que falamos anteriormente, não é mergulhar na poesia, mas simplesmente considerar um *facto* da mais alta importância. Porque, se a união carnal entre o homem e a mulher não é um diálogo, ela será um fracasso, e o casamento só com dificuldade se conservará. De qualquer modo, será sem alegria. [...] Para que a união carnal culmine na alegria durável de um desabrochar profundo, que tece entre os cônjuges laços cada vez mais fortes, ela deve significar amor. As palavras do Dr. Gilbert a esse propósito são elucidativas: ‘Mais ainda, o dom mútuo será uma linguagem, um diálogo, os corpos serão um meio de expressão, um meio também de melhor se descobrir um ao outro, de melhor partilhar a vida do outro. O que fará a grandeza e a beleza do momento da união propriamente dita será tudo aquilo que se sonhe exprimir no conjunto da vida. A união sexual será, assim, o resultado de todo o amor anterior, o alimento de todo o amor futuro’. (CHARBONNEAU, 1972, p. 89)

Desse modo, Charbonneau fornece o diálogo - em todas as instâncias possíveis - como a fórmula mais perfeita capaz de assegurar os laços do matrimônio. Ao mesmo tempo, essa dimensão salvaguardada como princípio implica em rebatimento tático, ao resguardar o lugar da família burguesa na sociedade - tanto nas relações internas quanto externas - pela capacidade demonstrada de dialogar com o seu tempo.

Estratégias de produção e circulação de saberes pedagógicos na Escola de Pais

Pensar as ideias produzidas no âmbito da Escola de Pais na perspectiva de movimento possui aqui, em que pesem as diferenças de objetos, o sentido dado por Alonso (2002). Buscando compreender o movimento intelectual que vai denominar de Geração de 1870, a autora nos provoca a pensar nas articulações entre cultura e experiência, que põe em interação “ideias europeias” e a construção de uma visão própria, pela constituição de um repertório, na acepção dada ao termo por Charles Tilly e Ann Swindler, ou seja, conjunto de recursos políticos e intelectuais mobilizados como ferramentas para compreender uma determinada realidade e intervir sobre ela (ibidem). Também nos instiga a pensar no conceito de estrutura de oportunidades políticas, desenvolvido por Sidney Tarrow, ao se referir aos movimentos coletivos que nascem de uma estrutura de crise (ibidem). Neste caso, não nos referimos a uma crise política no sentido partidário do termo, mas à crise da instituição familiar burguesa em uma

sociedade tradicionalmente marcada pelos valores morais das religiões cristãs, especialmente do catolicismo, que vinha enfrentando o crescente tema do divórcio e, concomitantemente, aprendendo a lidar com a novidade da juventude, como grupo social que emerge nos anos de 1960 pleiteando com força um lugar próprio construído no sentido contrário a tudo que estava posto.

Para enfrentar essa situação, um grupo de educadores, mais conservadores em relação aos valores familiares e sociais, lançou mão do que consideravam pedagogicamente inovador e pertinente ao redemoinho de ideias que caracterizava o campo da educação, desde as primeiras décadas do século XX designadamente. No Brasil, os intelectuais a frente do movimento se apropriaram do que consideravam mais interessante da experiência americana e europeia, mesclando e elaborando um repertório pedagógico adequado à realidade social e cultural brasileira. Deste modo, tanto no Brasil quanto em Portugal, não apenas se puseram a compreender o problema das famílias como interviram sobre ela, como um movimento de bases conservadoras, porém atualizado com as questões do presente.

Que saberes para que família? O conjunto de preocupações iniciais dos fundadores – sexo e drogas – apesar do seu caráter atemporal, pois ainda permanecem como potenciais problemas sociais a serem enfrentados nos dias de hoje, foi sensivelmente ampliado, o que pode ser percebido pelos temas dos congressos realizados no Brasil e em Portugal, a efeito de ilustração, conforme quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Congressos nacionais da Escola de Pais do Brasil de 1964 a 2013 – Brasil.

Ano	Tema
I Congresso 1964	Relação de pais e filhos
II Congresso 1965	Como ajudar meu filho a se ajudar: trabalho lazer e estudo
III Congresso 1966	Pais atualizados, adolescente feliz
IV Congresso 1967	Nossos filhos serão adultos felices
V Congresso 1968	O seu filho o que ele pensa, o que ele quer, o que ele espera de você
VI Congresso 1969	A família estará no fim?
VII Congresso 1970	Pais e filhos é possível a comunicação
VIII Congresso 1971	Pais e filhos: tempo de acertar
IX Congresso 1972	Crescimento e libertação
X Congresso 1973	Valores em transição
XI Congresso	Eu sou o hoje, você é o amanhã - "tal pai, tal filho"

Ano	Tema
1974	
XII Congresso 1975	Educação e libertação
XIII Congresso 1976	Adolescência
XIV Congresso 1977	Educar para o futuro
XV Congresso 1978	Educação e massificação
XVI Congresso 1979	Educar da concepção à maturidade
XVII Congresso 1980	A educação na América Latina continente em vias de desenvolvimento
XVIII Congresso 1981	Educação e sexualidade, hoje
XIX Congresso 1982	Pais, filhos e tóxicos
XX Congresso 1983	Valores, que valores?
XXI Congresso 1984	Maturidade e relacionamento
XXII Congresso 1985	Juventude hoje, que família amanhã?
XXIII Congresso 1986	Família, liberdade, participação
XXIV Congresso 1987	Que família em que Brasil?
XXV Congresso 1988	Pai, quem é teu filho?
XXVI Congresso 1989	Os pais no espelho
XXVII Congresso 1990	Casamento e casamentos
XXVIII Congresso 1991	Casa: moradia ou lar
XXIX Congresso 1992	Família: distância ou entendimento
XXX Congresso 1993	Nutrir sonhos e aspirações, alimentar esperanças crianças e adolescentes
XXXI Congresso 1994	O poder da família
XXXII Congresso 1995	A família e sua atualidade

Ano	Tema
XXXIII Congresso 1996	Filhos nascendo, filhos crescendo, família mudando
XXXIV Congresso 1997	Família: construção e reconstrução
XXXV Congresso 1998	O videogame da vida virtual ou real?
XXXVI Congresso 1999	Do ontem ao amanhã: a família rumo ao ano 2000
XXXVII Congresso 2000	A intimidade familiar no novo milênio. Fechar-se ou abrir-se?
XXXVIII Congresso 2001	A família educando para a paz
XXXIX Congresso 2002	Educando em tempos de adversidade
XL Congresso 2003	A convivência familiar e os ambientes externos
XLI Congresso 2004	Família, caminho da independência segura
XLII Congresso 2005	Meus pais, meus filhos, meus netos: convivência das quatro gerações
XLIII Congresso 2006	Desafios da família: autonomia competência, solidariedade
XLIV Congresso 2007	Valores que permanecem, valores que amanhecem
XLV Congresso 2008	Pais e Filhos: prevenir ou remediar?
XLVI Congresso 2009	Família nos tempos que correm. Para onde vai?
XLVII Congresso 2010	Família, um sonho possível
XLVIII Congresso 2011	A família administrando seus desafios
XLIX Congresso 2012	A família educadora no mundo da comunicação
L Congresso 2013	Geração Z: Família e Escola na era digital

Fonte: Revista Escola de Pais, 2013, p. 9.

A partir do XV Congresso, a Escola de Pais do Brasil passou a editar seus Anais. As publicações traziam uma súmula dos encontros e serviam também como fonte de pesquisa para o trabalho dos coordenadores. Além dos conteúdos abordados no evento, havia, nessas publicações, indicação de leitura complementar, anúncio dos novos livros publicados especialmente pelos membros do movimento e um registro, muitas vezes memorialístico, da trajetória do movimento até aquele momento, que funcionava como um

informativo, e também como uma espécie de prestação de contas do que estava sendo realizado ano a ano.

A necessidade de atualização permanente que caracteriza o movimento confere uma produção dinâmica de sentidos e sensibilidades que parece recolocar a pergunta inicial – que saberes para que família? - a cada momento, tal como nos sugere pensar Vieira (2013), em seu depoimento acerca dos 50 anos do movimento no Brasil: “A Escola de Pais enfrentou muitas mudanças. Temos novos tipos de família, novos conceitos sobre educação”(VIEIRA, 2013, p. 17)¹². Essa demanda por compreender a si mesma e o seu lugar na sociedade permite inferir que a produção de saberes no bojo do movimento é uma construção permanente que se dá pelos Círculos, pela leitura da bibliografia indicada, pelos Congressos e conferências com especialistas de diferentes áreas, pelos Anais dos congressos, pelas relações com os pares e pelos intercâmbios, de forma privilegiada.

Esses espaços, ao mesmo tempo em que se constituem como lugares de produção, são também espaços de circulação dessas ideias e desses sujeitos. São espaços de visibilidade e também de poder. Espaços de conservação e de transformação concomitantemente, estratégicos e táticos que por meio das práticas ali empreendidas promovem uma representação de família e de sociedade e evidenciam a força da sociedade civil na produção e reprodução de códigos culturais que sedimentam, ainda que em parte, aspectos da organização social de um determinado país.

Em Portugal, foram localizados, na pesquisa aqui empreendida, apenas onze congressos, realizados até 1981, mas assim como Brasil, o movimento continua ainda hoje e em permanente expansão. A investigação realizada até aqui apresenta lacunas, certamente. Ao mesmo tempo, nos impele à continuidade da pesquisa no sentido de compreender melhor os contornos do movimento nos tempos atuais, tentando compreender as representações para as famílias hoje.

Até 1981, os contornos do movimento designavam as seguintes problemáticas anunciadas como passíveis de discussão e enfretamento no âmbito da vida privada, a fim de controlar melhor seus efeitos sociais e seus desdobramentos tanto no âmbito privado quanto na vida pública.

Quadro 2 - Congressos Nacionais Escola de Pais Nacional - Portugal

Ano	Lugar	Tema
Iº Congresso 1971	n. i.	Relações Pais/Filhos
II Congresso 1972	n. i.	Os jovens e o mundo de hoje
III Congresso 1973	n. i.	Jovens e família frente a frente
IV Congresso 1974	n. i.	Pode substituir-se a família?
V Congresso 1975	Vila Nova de Gaia Colégio N. S. da Bonança	Diálogo de gerações

¹² Como o movimento lida e incorpora os novos tipos de família e quais os novos conceitos de educação e sua fundamentação teórica, apesar de sua relevância para pensar de modo mais problematizado o movimento, são questões que vêm sendo discutidas em outro texto, em desenvolvimento.

Ano	Lugar	Tema
VI Congresso 1976	Porto Colégio N. S. do Rosario	Delinquência juvenil
VII Congresso 1977	Porto Colégio N. S. do Rosario	A criança e sua inserção na família, na escola e na sociedade
VIII Congresso 1978	Porto Colégio N. S. do Rosario	O lazer: atividades lúdicas
IX Congresso 1979	Vila Nova de Gaia Colégio N. S. da Bonança	A mulher
X Congresso 1980	Porto Colégio N. S. do Rosario	O homem no lar
XI Congresso 1981	Vila Nova de Gaia Colégio N. S. da Bonança	A família hoje

Fonte: Informações cruzadas dos Anais do XI Congresso da Escola de pais Nacional e dos Boletins Mensais de Informação da Escola de Pais Nacional.

Em Portugal, os Anais do XI Congresso (1981) anunciavam uma participação média de 4500 pessoas, o que é bastante expressivo se levarmos em conta que no V Congresso, mesmo com a presença do padre Charbonneau assumindo quase todo o evento¹³, a participação foi de 800 pessoas. Tal aumento indica a ampliação do movimento no país e a mobilização e engajamento das famílias portuguesas na questão da educação familiar.

Assim como no Brasil, é visível a centralização dos Congressos na cidade onde está a matriz do movimento naquele país. Também é visível a forte parceria com os colégios católicos que sediam o evento nos dois países em questão. Os temas, no entanto, relacionados às demandas de cada lugar, apesar das similitudes, têm especificidades próprias e indicam os problemas mais candentes do momento.

No âmbito dos Congressos internacionais, promovidos pela *Fédération Internationale pour L'Éducation des Parents*, uma questão chama atenção. Ao apresentar a experiência brasileira no IV Congresso Internacional, na Inglaterra, os educadores brasileiros registraram a incredulidade dos europeus quanto ao êxito do trabalho desenvolvido no Brasil. Em geral, na Europa,

o trabalho da Escola de Pais era desenvolvido por especialistas em educação infantil e, para eles parecia impossível que leigos se sentissem preparados e capazes de executar o trabalho atingindo os resultados apontados. Eles pareciam não querer compreender que a educação da criança este, pelo menos nos primeiros anos, submetida exclusivamente aos pais, e não a especialistas. [...] Um especialista deveria vir ao Brasil, no próximo Congresso Nacional, para opinar sobre o inacreditável trabalho aqui realizado. Lá a ideia de um trabalho voluntário,

¹³ De acordo com o Boletim Mensal de Informação n. 11, a quinta edição do congresso funcionaria de forma diferente das demais. O Padre Charbonneau preencheria quase todo o programa abordando o tema central “Diálogo entre gerações” em três sub-temas: Missão e demissão dos pais; Diálogo entre pais e filhos; A educação sexual e o jovem. A presença do padre e educador no Congresso servia como um forte atrativo para o evento, pelo lugar que ocupava no movimento que não se restringia apenas ao Brasil. Seus livros circulavam por todos os países em que havia Escola de Pais e, em Portugal, A Escola de Pais Nacional publicou em edição própria dois volumes do intelectual brasileiro, até onde se conseguiu localizar: *Pais e Filhos. Diálogo sobre o amor* (1971) e *Curso de preparação para o casamento* (1972).

sem remuneração, soava como uma utopia. (MARTINS; MARTINS, 2013, p. 40-41)

Mas, para além da incredulidade, outra velha questão emergia nessa discussão: “a quem cabe educar?”¹⁴. Os educadores brasileiros a frente do movimento, com forte vínculo com a Igreja católica, deixam escapar a posição que desde o início do século, no Brasil, protagonizou alguns dos antagonismos do campo educacional, especialmente em relação aos educadores católicos e os especialistas da educação, que não pertenciam a este grupo. Tal posição é novamente expressa no estranhamento e indignação do grupo brasileiro na Inglaterra, diante da polarização que se instituiu com os educadores daquele país em relação à primazia da educação, publicada como “Opinião da omissão que esteve presente no IV Congresso Internacional”, na Revista da Escola de Pais, de 1969:

Eles pareciam não querer compreender que a educação da criança está, pelo menos nos primeiros anos, submetida exclusivamente aos pais, e não a especialistas. Somente eles estão capacitados para desenvolver o filho, dando-lhe através de uma dosagem especial de carinho, o alimento necessário ao seu equilíbrio emocional. Pai e Mãe, juntos completarão o quadro de exigências no desenvolvimento de seus filhos e, para isto, deverão estar preparados. Os especialistas parecem não entender assim e sentem a problemática das relações entre pais e filhos sob uma visão fria, e mantêm-se sempre numa posição perfeccionista. Apresenta seus estudos, suas palestras, usam todas as técnicas possíveis. Mas o resultado, a aceitação que obtiver no seio da coletividade, é secundária. Parecem pensar que a sua palavra autorizada é o suficiente para resolver os problemas humanos da educação. Assim, continua de pé a mesma questão: como atingir o âmago do homem? (apud MARTINS; MARTINS, 2013, p. 40-41)

Essa descrença dos especialistas na capacidade educadora das famílias estava estreitamente atrelada à emergência dos saberes científicos e pedagógicos, os quais se entendia fazer parte de um universo muito distante das famílias, o que legitimava a intervenção dos especialistas, como já foi ressaltado anteriormente. Apoiada fortemente nesse aparato científico, a Escola de Pais vai delineando uma competência para lidar com as questões privadas ao mesmo tempo em que amplia as fronteiras e os espaços de circulação, se impondo também na vida pública como instituição nuclear da sociedade.

Considerações finais

O movimento abordado neste artigo abre várias frentes para as quais pode-se atentar mais detidamente. Dentre elas, destacamos: a existência de modelos e projetos pedagógicos voltados para a educação das famílias; a circulação desses modelos e seus diferentes modos de apropriação, ainda que partam de um modelo; as estratégias de difusão dos saberes e valores defendidos pelo movimento; a organização e engajamento da sociedade civil e da Igreja na produção e circulação de saberes pedagógicos, valores e comportamentos que acreditam dever vigorar na sociedade.

Em que pesem as mudanças que o próprio movimento reconhece em relação ao conceito de família e o esforço de dialogar com os diversos modelos e arranjos familiares que a configuram, a própria estrutura do movimento aponta para o peso e a centralidade

¹⁴ Tal questão, no Brasil, foi largamente explorada por Magaldi (2003), com foco privilegiado nos anos de 1920-1930.

que o modelo familiar burguês tem na Escola de Pais. A preservação dessa estrutura ao longo de cinquenta e quatro anos é representativa de uma resistência e do esforço em manter e disseminar entre as gerações mais jovens essa representação modelar da família burguesa, a qual cada vez mais amparada no discurso científico - sem deixar de lado o aparato moral que lhe dá suporte - vai construindo um conjunto de saberes que legitima a reprodução dos seus valores pela ciência.

Por fim, é importante ressaltar o peso e o protagonismo, muitas vezes, da sociedade civil nos projetos de organização da sociedade e na (re)produção de códigos culturais e comportamentais. Sua participação nas dinâmicas sociais, dá a ver, sobretudo, essa relação tácita de produção cultural, a partir de múltiplas frentes as quais, no campo educacional, se desdobram em diversos projetos de educação não-formal que merecem ser investigados mais detidamente.

Referências

- ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e terra, 2002.
- BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- CHARBONNEAU, Paul-Éugène. *Curso de Preparação para o casamento*. Porto: Escola de Pais Nacional, 1972.
- _____. *Pais e Filhos: diálogos sobre o amor*. Porto: Escola de Pais Nacional, 1972.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DEL PRIORE, Mary. As atitudes da Igreja em face da mulher no Brasil colônia. In: MARCÍLIO, Maria Luisa (Org.). *Família, Mulher, Sexualidade e Igreja na História do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 171-190.
- _____. Pequena História de Amor Conjugal no Ocidente moderno. *Estudos de Religião*, v. 21, n. 33, 121-135, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/.../201>>.
- DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Trad. M.T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2001 (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências).
- FARIA Filho, Luciano Mendes de. Para entender a relação família-escola: uma contribuição da história da educação. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 1- 8, apr./june 2000.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)*. 2006. Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.
- HENRIQUES, Helder. A produção da marginalidade infantil em Portugal: o lugar da família e da escola nas primeiras décadas do século XX. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 8, n. 1, p. 186-203, jan./jun. 2015.
- LASCH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. Trad. Heloisa Martins Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- _____. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. A quem cabe educar. *Revista Brasileira de História da Educação*. v. 5, p. 213-231, jan./jun. 2003.

_____. Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. 2001. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

MARTINS, Maria Francisca; MARTINS, Elias C. A. *50 anos de Escola de Pais: sua história, sua gente*. São Paulo: Escola de Pais do Brasil, 2013.

MENDO, Jose. O papel da Escola de Pais. *Revista do Congresso – Escola de Pais do Brasil*. São Paulo: EPB, 2013, p. 42-43.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. Bragança Paulista: Ed. da USF, 2002.

MONTARDO, Jorge. A contribuição da educação sexual na formação das identidades sexuais dos adolescentes brasileiros. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL: PESQUISA EM EDUCAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL, VIII, 2008, Itajaí/SC. **Anais...** Itajaí/SC: Univali, 2008. p. 1-11. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2008/Educacao_e_genero/Trabalho/04_45_18_A_contribuicao_da_educacao_sexual_na_formacao_dos_adolescent.pdf>. Acesso em 27/01/2017.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Quando o mundo cabe na bagagem: as experiências de formação e distinção de Maria Junqueira Schmidt. In: SILVA, Alexandra Lima da; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José. *Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas*, Curitiba: Editora CRV, 2015, p. 209-225.

_____. *Educar-se para educar: o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964)*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ORLANDO, Evelyn de Almeida; DAVID, Juliana Vital Abreu. Tratados de Pedagogia para a família: aliança entre Igreja e Medicina na conformação da sociedade brasileira. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, VI, 2011, Vitória. **Anais...** Vitória/ES: Edufes, 2011. p. 01-15.

SANCHIS, Pierre (Org.) *Catolicismo: modernidade e tradição*. Rio de Janeiro/São Paulo: ISER/Edições Loyola, 1992.

SCHMIDT, Maria Junqueira. Também os pais vão à escola..., 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1964 (Coleção Escola e Vida).

SILVEIRA, Irana Teixeira. Sociedade, educação e família. *Aprender - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação*, Vitória da Conquista, Ano IV, n. 7, p. 149-172, 2006.

Fontes

ANAIS DO VIII CONGRESSO DA ESCOLA DE PAIS NACIONAL. Porto: EPN, 1978.

ANAIS DO CONGRESSO DA ESCOLA DE PAIS NACIONAL, 19.

ANAIS DO CONGRESSO DA ESCOLA DE PAIS NACIONAL. Porto, 1981.

ANAIS DO CONGRESSO DA ESCOLA DE PAIS NACIONAL. Porto, 1980.

BOLETIM MENSAL DE INFORMAÇÃO DA ESCOLA DE PAIS NACIONAL. Porto, Ano II, n. 11.

BOLETIM MENSAL DE INFORMAÇÃO DA ESCOLA DE PAIS NACIONAL. Porto, Ano II,

n. 12.

BOLETIM MENSAL DE INFORMAÇÃO DA ESCOLA DE PAIS NACIONAL. Porto, Ano III, n. 13.

BOLETIM MENSAL DE INFORMAÇÃO DA ESCOLA DE PAIS NACIONAL. Porto, janeiro de 1981.

BOLETIM MENSAL DE INFORMAÇÃO DA ESCOLA DE PAIS NACIONAL. Porto, abril de 1981.

CELAM, 2012. Disponível em: <<http://www.celam.org/detalle.php?id=NTE1>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

COSTA, José Gil da. *A estruturação do homem e da família e o papel da Escola de Pais*. Porto: Liga Portuguesa de Profilaxia Social, v. 40, 1974.

L'ÉCOLE DES PARENTS ET DES ÉDUCATEURS. Site Oficial. Disponível em: <<http://www.ecoledesparents.org/fnepe/historique#subnav>>. Acesso em 2016.

LOPES, Alzira. *Escola de Pais: uma grande experiência*. São Paulo, s/d.

MARTINS, Maria Francisca; MARTINS, Elias C. A. *50 anos de Escola de Pais – Sua história, sua gente*. Escola de Pais do Brasil, 2013.

REVISTA DA ESCOLA DE PAIS, Porto: EPN.

REVISTA DO CONGRESSO – ESCOLA DE PAIS DO BRASIL. São Paulo: EPB, 2013.

EVELYN DE ALMEIDA ORLANDO é professora adjunta da Escola de Educação e Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013), com período de estágio sanduíche na Universidade de Lisboa (financiamento Capes).

Endereço: Rua Nicolau Maeder, 184, apto. 106, Ed. Campanário - Bairro lato da Glória - 80030-330 - Curitiba/PR - Brasil

E-mail: evelynorlando@gmail.com

HELDER HENRIQUES é docente da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre (Portugal). Investigador integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra. Possui doutoramento e pós-doutoramento em Ciências da Educação, na área de especialização em História da Educação pela Universidade de Coimbra. Tem publicado vários artigos em revistas internacionais e colaborado em vários projetos científicos.

Endereço: Praça da República, n. 23-25 - 7300-109 - Portalegre - Portugal

E-mail: henriqueshelder@gmail.com

Recebido em 11 de janeiro de 2017.

Aceito em 13 de fevereiro de 2017.